

FREUD E A LITERATURA

Marcelo Gonçalves Campos*

Júlio Eduardo de Castro**

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar o diálogo que Sigmund Freud estabeleceu com a literatura em seus escritos psicanalíticos. A interlocução deste autor com a arte literária pode ser notada em três situações: para ilustrar e validar determinado ponto de sua teoria, para compreender algo deste processo de criação artística, para interpretar psicanaliticamente uma obra específica. A conexão da psicanálise com a literatura, inaugurada e mantida por Freud ao longo de sua obra, tem se sustentado ainda hoje como um campo profícuo de pesquisa. Aqui, trata-se de expor algumas questões referentes ao tema e explicitar a importância que este autor conferia à arte literária.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Psicanálise. Freud.

Freud e a Literatura

Sófocles, Shakespeare, Goethe, Dostoiévski, Ibsen, Heine, Schiller... Todo aquele que já se debruçou sobre o texto freudiano não ignora a frequência com a qual o pai da psicanálise cita estes, e muitos outros, autores literários. Isto acontece ao longo de toda a sua obra, ou seja, não se trata de uma característica específica de determinado momento de construção teórica, mas antes de uma constante em sua produção psicanalítica. Se podemos afirmar que Freud foi um pensador ousado, disposto a rever alguns pontos de vista, reelaborar conceitos e noções, romper com colaboradores por divergências técnicas e teóricas, mais significativa parece ser esta ininterrupta interlocução com os escritores. Freud nunca deixou de qualificar o conhecimento que os autores literários têm da mente. Neste artigo, procuraremos perscrutar a maneira pela qual Freud se utiliza da literatura em seus escritos e qual a função disto

O interesse de Freud pela arte literária é anterior ao surgimento da psicanálise, fato ilustrativo é sua obstinação em estudar espanhol para ler Miguel de Cervantes no original, “quando era um jovem estudante, meu desejo de ler o imortal *Dom Quixote* no original de Cervantes levou-me a aprender, sem mestre, a encantadora língua castelhana” (FREUD, 1923, p. 322), além de considerar os escritores ingleses e escoceses como verdadeiros mentores, conforme relata Mannoni (1994, p.38). Tal encantamento permaneceu na vida adulta e psicanalítica, é o que podemos depreender ao ler estas palavras “as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos frequência, a pintura” (FREUD, 1914, p. 217). Entretanto, não nos interessa aqui uma possível discussão sobre o papel da literatura na formação do homem que deixaria uma inegável contribuição ao conhecimento do psiquismo humano¹, antes, focaremos nossa atenção na aproximação do texto literário e da psicanálise tal como empreendida por Freud.

O uso da literatura por parte de Freud se desdobra em três modalidades, por assim dizer. Inicialmente podemos notá-la nos inúmeros excertos de poemas, romances e peças teatrais de que ele lançava mão, não apenas para ilustrar determinado ponto da teoria, mas também para validar proposições sobre os mais diversos aspectos da vida anímica. Uma segunda modalidade de uso do material literário seria aquele

¹ Embora este não seja o nosso tema, vale lembrar que Freud considerava legítima esta influência. Respondendo a um questionário sobre leitura, no qual era solicitada uma relação de dez bons livros, Freud afirma que iria indicar “aqueles livros que se assemelham a ‘bons’ amigos, aos quais devemos uma parcela do nosso conhecimento da vida e de nossa visão do mundo” (FREUD, 1906, p. 225).

empregado em textos nos quais Freud vai discutir analiticamente a questão geral da produção artística; tomemos como exemplo *Escritores criativos e devaneio* (1908 [1907]). Finalmente é possível vê-lo empregando o texto literário quando analisa uma obra específica; tomemos como exemplo *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (1907 [1906]). Obviamente esta distinção que apresentamos, das três modalidades de uso da arte literária em Freud, é meramente didática, já que o mais comum é encontrá-las amalgamadas em seus escritos psicanalíticos.

Sobre o terceiro ponto que destacamos, quando o psicanalista se propõe a analisar uma determinada obra literária, é importante nos voltarmos para Freud no sentido de compreender sua concepção desta aplicação da psicanálise a outro campo do saber, a literatura. A sexta e última parte do trabalho *Um estudo autobiográfico* (1925 [1924]) é reveladora de como ele entendia esta conexão. No referido artigo, Freud afirma que desde a publicação de *A interpretação dos sonhos* (1900), a psicanálise extrapolou o interesse unicamente médico. Na França, por exemplo, foram os homens de letras quem primeiro se interessaram pela doutrina do inconsciente²; desta forma, a história da psicanálise na França, e também na Alemanha, está pautada pelas “numerosas aplicações³ a departamentos de literatura e estética, à história das religiões e à pré-história, à mitologia, ao folclore, à educação, e assim por diante” (FREUD, 1925 [1924], p. 65). Tais conexões seriam prova do valor e da extensão do saber psicanalítico. Freud pontua, entretanto, que estas aplicações da psicanálise não se iniciaram alhures, mas em seus próprios escritos, apenas depois outros (médicos e especialistas de várias áreas) seguiram este caminho e se aprofundaram em diferentes temas.

De certo modo, Freud parece estabelecer suas inferências das tragédias de Édipo e Hamlet (da autoria de Sófocles e Shakespeare, respectivamente) como marcos da aplicação da psicanálise às obras de arte. Sobre Édipo Rei, ele considera que apenas a partir da leitura psicanalítica foi possível desvendar a escolha do poeta por um tema tão terrível, “isso se tornou inteligível quando se compreendeu que uma lei universal da vida mental havia sido captada aqui em todo seu significado emocional” (FREUD, 1925

² No Brasil, a melhor acolhida da psicanálise se deu primeiramente entre os intelectuais e os artistas, mais especificamente entre representantes do modernismo, tais como Mário e Oswald de Andrade, segundo afirma Maurano (2007, pp. 31 e 33).

³ A expressão “psicanálise aplicada” não é consenso entre os comentaristas e teóricos psicanalíticos. Optamos por manter estes termos para sermos fiéis a expressão tal como a encontramos no texto estabelecido pela tradução da edição standard brasileira das obras completas de Freud.

[1924], p. 66); sendo assim, os papéis desempenhados na peça pelo destino e pelo oráculo eram na realidade substitutos de uma necessidade interna, e o desconhecimento do herói de seu pecado seria ilustrativo da “natureza inconsciente de suas tendências criminosas” (FREUD, 1925 [1924], p. 66). Esta leitura de Édipo, acredita Freud, facilitou também o entendimento de Hamlet, tragédia admirada por tanto tempo sem que seu significado e os motivos de seu autor fossem conhecidos: “Hamlet viu-se defrontado com a tarefa de tirar vingança de outro pelos dois feitos que são o tema dos desejos de Édipo; e diante daquela tarefa seu braço ficou paralisado pelo seu próprio obscuro sentimento de culpa” (FREUD, 1925 [1924], p. 66).

Mais do que nos determos nestas interpretações freudianas, queremos sublinhar o pioneirismo de Freud em aproximar o saber psicanalítico da arte literária. Ainda em *Um estudo autobiográfico* (1925 [1924]), o psicanalista apresenta sua hipótese sobre o processo de produção artística, ou uma ‘tentativa de análise’ deste processo, conforme suas próprias palavras. Eis aqui um exemplo da segunda modalidade de emprego da literatura que destacamos acima. Freud postula que a imaginação seria uma ‘reserva’ construída durante a passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade (princípios estes que regem o funcionamento mental) com o propósito de viabilizar uma satisfação substituta para aquelas pulsões que teriam que ser sacrificadas na vida real. O artista, assim como o neurótico, se refugia neste domínio da imaginação, afastando-se de uma realidade insatisfatória, porém o homem dotado de gênio, ao contrário do neurótico, sabe retornar desse domínio e se apoiar novamente na realidade.

Seus criações, obras de arte, eram as satisfações imaginárias de desejos inconscientes, da mesma forma que os sonhos. (...) Mas diferiam dos produtos a-sociais, narcísicos do sonhar, na medida em que eram calculados para despertar interesse compreensivo em outras pessoas, e eram capazes de evocar e satisfazer os mesmos impulsos inconscientes repletos de desejos também nelas (FREUD, 1925 [1924], p. 67).

O artista e o neurótico são aproximados por Freud, já que ambos empreendem certo percurso de fuga da realidade hostil e se voltam para o mundo da imaginação; a diferença entre eles reside no fato de que o artista se nutria da imaginação para realizar sua obra, e esta é forjada de tal forma que incita a atenção dos outros. Sendo a produção artística a satisfação imaginária de desejos inconscientes do seu autor, ela ainda é capaz de satisfazer indiretamente os desejos das outras pessoas, despertando nelas comoção.

Deste modo, a obra de arte possui um valor social, ou dito de outra maneira, ao contrário do sintoma neurótico, a produção artística é valorizada e usada socialmente⁴.

Também neste texto Freud irá apontar os limites e as possibilidades de uma leitura psicanalítica da vida e da obra do artista. Ele considera que a interpretação psicanalítica perpassará pelas interrelações entre a vida, as experiências do artista e suas obras. “O que a psicanálise era capaz de fazer era tomar das inter-relações entre as impressões da vida do artista, suas experiências fortuitas e suas obras, e a partir delas interpretar a constituição [mental] dele e os impulsos instintuais em ação nela” (FREUD, 1925 [1924], p.67). Por outro lado, o autor destaca dois problemas que sua teoria não poderá iluminar: a natureza do dom artístico e a técnica artística (o modo pelo qual o artista trabalha). Vemos assim que não era pretensão de Freud esgotar os enigmas da arte, além disso, para ele a investigação psicanalítica de uma obra artística não estragaria a fruição que a mesma pode proporcionar.

Freud já havia abordado estas questões em um artigo precedente, publicado treze anos antes, nomeado *O interesse científico da psicanálise* (1913). Na segunda parte deste trabalho encontraremos um subitem intitulado “O interesse da psicanálise do ponto de vista da ciência da estética”, muito significativo para a discussão que ora apresentamos. De especial importância é percebermos que suas ideias sobre este tema não sofreram alterações em mais de uma década. Freud afirma que a psicanálise pode desvendar alguns problemas referentes às artes e aos artistas, no entanto alguns outros lhe escapam totalmente. Para ele, o exercício artístico é uma atividade que visa aplacar desejos não gratificados, primeiramente do próprio artista, mas também dos espectadores; deste modo, a arte estaria situada entre “uma realidade que frustra os desejos e o mundo de desejos realizados da imaginação” (FREUD, 1913, p. 189). Já neste artigo de 1913, ele torna próximo o artista do neurótico, uma vez que considera as forças impulsionadoras dos homens de gênio da mesma natureza que os conflitos que levaram o homem comum à neurose. Também neste texto, Freud estabelece uma relação entre a infância do artista, sua história de vida, e suas obras como reações às impressões que aquelas causaram; ele considera o estudo desta conexão um dos tópicos mais interessantes da pesquisa psicanalítica.

Sobre a aplicação da psicanálise a uma obra literária, visando sua interpretação, é necessário ainda explicitar algumas outras reflexões de Freud. Também no quinto

⁴ Em *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]), Freud afirma que a arte e a ciência são as mais altas realizações do homem (p.82) e as descreve como atividades psíquicas superiores (p.103).

capítulo de *A interpretação dos sonhos* (1900), ele relata uma breve análise psicanalítica sobre Hamlet. Novamente, para além da leitura freudiana deste texto de Shakespeare, vamos aqui enfatizar suas explicações sobre as vicissitudes da própria interpretação psicanalítica. Diz o autor:

Assim como todos os sintomas neuróticos (...) todos os sonhos são passíveis de ser “superinterpretados”, e na verdade precisam sê-lo, se pretendermos compreendê-los na íntegra, também todos os textos genuinamente criativos são o produto de mais de um motivo único e mais de um único impulso na mente do poeta, e são passíveis de mais de uma interpretação. No que escrevi, tentei apenas interpretar a camada mais profunda dos impulsos anímicos do escritor criativo (FREUD, 1900, p. 292).

O trecho supracitado possui informações valiosas para entendermos a maneira pela qual Freud trabalhava psicanaliticamente os textos literários. Senão vejamos, notamos que ele não concebe a interpretação – de um sintoma neurótico, de um sonho ou de um texto poético – como algo simples e facilmente realizável. Antes, todas estas produções mentais – sintoma, sonho, literatura – estão sujeitas a serem “superinterpretadas”, e para compreendê-las o melhor possível é preciso que o sejam. Outra ideia que aqui podemos entrever é a de que não existe uma relação direta do tipo “isto quer dizer aquilo”, já que os escritos criativos são resultantes de mais de um motivo e mais de um impulso no psiquismo do escritor, por isso também várias interpretações são possíveis para o mesmo material literário. Freud acrescenta que sua abordagem de Hamlet foi uma tentativa de se aprofundar ao máximo nos impulsos mentais de Shakespeare, uma tentativa, como de resto talvez toda interpretação o seja.

Também em *O Moisés de Michelangelo* (1914) Freud tece alguns comentários sobre o tema da interpretação das obras de arte. O autor inicia este artigo relatando o grande impacto que as obras artísticas têm sobre ele. A partir desta constatação, busca erigir uma explicação plausível para o fascínio que a arte exerce sobre os seres humanos. Sua resposta para esta indagação é: a intenção do artista e o poder de transmiti-la. Fique claro que não se trata em absoluto de uma transmissão racional dos motivos que impeliram o artista a criar a obra, mas certa identificação emocional, por parte do expectador, com o impulso mental que levou àquela criação. Para adivinhar a intenção do artista é necessário antes perceber o significado e o conteúdo do que está representado na obra, ou seja, devemos ser capazes de interpretá-la. Aqui Freud parece demonstrar um maior interesse em interpretar a obra e não o artista, e mesmo assim ele

pondera que “o efeito da obra não sofrerá qualquer diminuição após termos conseguido analisá-la” (FREUD, 1914, p. 218). Podemos assim inferir, que a análise psicanalítica de uma dada obra artística não teria o propósito de destituí-la da experiência de fruição estética que a mesma pode nos proporcionar; o intuito de abordar analiticamente certa obra de arte seria o de aumentar nosso conhecimento sobre ela.

Dentro desta mesma perspectiva encontramos Freud em 1930, quando redigiu *O prêmio Goethe* (1930). Neste ano o pai da psicanálise foi agraciado com o prêmio que levava o nome do famoso escritor alemão. Tal honraria era concedida anualmente pela cidade de Frankfurt para uma personalidade cuja obra fizesse jus à memória de Goethe. Este texto foi preparado para ser lido na cerimônia de premiação, mas como sabemos por motivos de saúde Freud não pôde comparecer e sua filha Anna o representou na ocasião. Várias vezes tem sido lembrado que este prêmio foi o único recebido em vida por Freud pelo conjunto de sua obra; podemos supor o grande significado que o mesmo teve para o psicanalista, pois alguns anos mais tarde refere-se a ele como o clímax de sua vida enquanto cidadão (FREUD, 1935, p. 76).

No referido artigo, Freud declara a crença de que Goethe não teria refutado inamistosamente a psicanálise como tantos outros fizeram, uma vez que através de seus *insights* o escritor identificou vários pontos que a teoria freudiana viria confirmar, por exemplo, “a força incomparável dos primeiros laços afetivos das criaturas humanas” (FREUD, 1930, p. 213), algo levado às últimas consequências na teorização do Complexo de Édipo. Outra ideia aqui defendida é a de que Goethe ter sido alvo de investigações psicanalíticas não se traduz em desrespeito ou degradação para com ele. Freud alega que a teoria psicanalítica pode contribuir na aquisição de algumas informações que não lograríamos êxito em alcançar por outras vias, e através dela é possível demonstrar elos entre o dom artístico, as experiências de vida e as obras de um artista. No último parágrafo deste texto podemos ler:

Parece-me que agradecimentos são devidos à psicanálise se, quando aplicada a um grande homem, ela contribui para a compreensão de sua grande realização. Omito, entretanto, que no caso de Goethe não avançamos muito longe, porque Goethe, como poeta não foi apenas um grande revelador de si mesmo, mas também, a despeito da abundância de registros autobiográficos, um cuidadoso ocultador de si mesmo (FREUD, 1930, p. 217).

Ora, uma vez mais Freud sugere que as vantagens de uma leitura psicanalítica é a colaboração na compreensão da obra de um artista e não uma tentativa simplista de

“patologizar” o autor através do escrito literário; mesmo porque o poeta pode tanto revelar-se quanto ocultar-se pela sua obra. Sendo assim, a interpretação psicanalítica do texto literário exige sensibilidade e sutileza por parte daquele que a realiza.

Em 1933 Freud prefaciou o livro *A vida e as obras de Edgar Allan Poe: uma interpretação psicanalítica*, de autoria de Marie Bonaparte. Apesar do referido prefácio não passar de um parágrafo, ele muito nos interessa, pois retoma e reafirma as posições do psicanalista no tocante à interpretação psicanalítica de um trabalho literário.

Graças ao trabalho de interpretação realizado pela autora, podemos compreender agora em que medida as características da obra desse escritor foram determinadas pela natureza especial do mesmo. Contudo, também verificamos que isto foi conseqüência de poderosos laços afetivos e de experiências dolorosas do início de sua adolescência. Investigações como esta não se destinam a explicar o caráter de um autor, porém mostram quais as forças motrizes que o moldaram e qual o material que lhe foi oferecido pelo destino (FREUD, 1933, p. 252).

Cabe sublinhar que a interpretação psicanalítica se prestou a elucidar certas relações entre a natureza de um escritor, seus investimentos emocionais e vivências, e a sua obra literária. Mesmo em um texto tão sucinto como este, Freud afirma que pesquisas deste teor não objetivam dissecar o caráter de um autor criativo.

Todas essas assertivas de Freud sobre a interpretação psicanalítica do texto literário são essenciais para bem entendermos o que ele propunha nesta conexão da psicanálise com a literatura, não podemos ignorá-las sob o risco de imaginar que sua ideia era a de uma análise pouco cuidadosa ou mesmo selvagem da produção de um escritor.

Recapitulando, afirmamos que Freud manteve um diálogo com a literatura ao longo de sua obra. Esta interlocução, quer nos parecer, pode ser notada em três situações (lembrando que geralmente as mesmas encontram-se enredadas): 1) quando ele queria exemplificar algo da teoria ou mesmo validá-la; 2) quando procurava compreender algo do processo da criação artística; 3) quando se debruçava sobre uma obra específica a fim de interpretá-la.

Do terceiro item, já enfatizamos a questão da interpretação psicanalítica do texto literário, a maneira como Freud a concebia e aplicava. Do segundo item vale a pena destacar que não era intento do psicanalista produzir em sua obra uma estética. Mannoni afirma que os problemas da estética, a rigor, não interessavam a Freud; o que o

interessava era a criação artística enquanto possibilidade de um outro caminho para o conhecimento do inconsciente. Acrescentaríamos aqui, por tudo que já apresentamos, que a curiosidade de Freud se estendia à compreensão psicanalítica da obra artística e a alguns mecanismos psíquicos envolvidos nesta produção. Entretanto, concordamos totalmente com o autor quando ele pondera que as pesquisas de Freud no campo literário não devem ser examinadas do ponto de vista da estética ou da crítica literária (MANNONI, 1994, p. 124), já que não visava a elas e sim a um diálogo ou uma aproximação entre a literatura e a psicanálise. Isto posto, resta-nos ainda discutir o primeiro item.

O modo freudiano de recorrer a exemplos literários para ilustrar e validar algum ponto da teoria é o mais frequente uso que o pai da psicanálise faz das belas-letas. Basta folhear muitos de seus escritos e o leitor irá se deparar com frases de romances, trechos de peças teatrais, versos poéticos. Tão disseminados tais exemplos estão que quase seria desnecessário apontá-los aqui, entretanto remetemos os interessados a três trabalhos de Freud, a saber, *A interpretação dos sonhos* (1900), *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901)⁵ e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905)⁶. Apesar da aproximação cronológica destes estudos, voltamos a asseverar que em toda a obra freudiana encontramos citações literárias, escolhemos os livros supracitados porque neles estes exemplos são bastante recorrentes.

Mas por que Freud se ocuparia desta profusão de exemplos e citações provenientes da literatura? Tentaremos a seguir responder a esta questão.

Como vimos anteriormente, Freud fez alguns comentários sobre Édipo Rei e Hamlet em *A interpretação dos sonhos* (1900), mas é em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (1907 [1906]) que encontraremos a primeira investigação psicanalítica completa de uma obra literária. Freud argumenta que para efetivar a análise de alguns sonhos que são descritos neste romance de Wilhelm Jensen, sendo esta análise o objetivo principal do seu próprio texto, foi necessário se deter longamente em toda a história e nas atividades mentais dos dois personagens principais – o jovem arqueólogo Norbert Hanold e Zoe Bertgang, sua amiga de infância reencontrada em uma situação

⁵ Ao que parece, apenas dois trabalhos de Freud possuem citações em seus frontispícios. São eles, precisamente, *A interpretação dos sonhos* (1900) e *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901). Trata-se de citações literárias: no livro sobre os sonhos temos um verso de Virgílio – “Se não puder dobrar os deuses de cima, comoverei o Aqueronte”; no outro trabalho o escritor escolhido foi Goethe – “Desses fantasmas tanto se enche o ar/ Que ninguém sabe como os evitar”.

⁶ Estas três obras são consideradas por Lacan como “os livros que podemos dizer canônicos em matéria de inconsciente” (LACAN, 1957, p. 526).

supostamente inusitada. Ele ainda considera que os leitores poderão se surpreender ao perceber que as manifestações psíquicas destes personagens foram tratadas como se fossem de seres humanos e não como frutos da imaginação de um escritor. Freud alega que as descrições do livro são bastante leais à realidade. Em 1909 ele chegou a acrescentar esta nota de rodapé em *A interpretação de sonhos* (1900):

Encontrei por acaso em *Gradiva*, uma história escrita por Wilhelm Jensen, diversos sonhos artificiais construídos de maneira perfeitamente correta e que poderiam ser interpretados exatamente como se não tivessem sido inventados, mas sonhados por pessoas reais. Em resposta a uma indagação, o autor confirmou o fato de não ter nenhum conhecimento acerca de minha teoria dos sonhos. *Argumentei que a concordância entre minhas pesquisas e as criações deste escritor constitui prova a favor da correção de minha análise dos sonhos* (FREUD, 1900, p. 132, grifo nosso).

Pela leitura desta nota, parece claro que para Freud uma criação literária poderia corroborar sua teoria dos sonhos. É possível entender esta disposição se levarmos em consideração o que ele nos ensina sobre os autores imaginativos em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (1907 [1906]). Para ele os escritores são os precursores na descrição da mente humana, sendo este seu campo mais legítimo, e assim se adiantaram à ciência e à psicologia neste terreno. Freud entende que aqueles que dominam a arte de escrever “estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente” (FREUD, 1907 [1906], p. 20). Ele ressalta também que tanto o psicanalista quanto o escritor bebem na mesma fonte e se ocupam do mesmo objeto, mas com métodos distintos. Enquanto o analista se debruça sobre o inconsciente das outras pessoas, o autor se ocupa do próprio, chegando ambos, por caminhos diversos, ao conhecimento das leis que governam as atividades inconscientes. Sendo assim, Freud expressa uma dedução que lhe parece óbvia: psicanalista e escritor ou compreendem o inconsciente com o mesmo acerto ou com o mesmo erro. Ele ainda chama os autores literários de “aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta” (FREUD, 1907 [1906], p. 20).

Temos outro exemplo de Freud recorrendo a um autor literário para validar sua teoria, também contido em *A interpretação dos sonhos* (1900), quando ele apresenta uma ideia que terá fundamental importância para o desenvolvimento futuro da psicanálise e que será formalizada posteriormente como o Complexo de Édipo. Basicamente, a hipótese proposta aí é a de que os pais ocupam o papel central na mente

da criança, sendo que enamorar-se por um deles e nutrir ódio pelo outro estão entre os impulsos psíquicos comuns que se formam neste período da vida e que terão grande importância na determinação dos sintomas neuróticos. Para Freud

Essa descoberta é confirmada por uma lenda da Antiguidade clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome (FREUD, 1900, p. 287).

Ou seja, o psicanalista explicitamente busca respaldo para essa descoberta em uma obra de ficção.

Em *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901) temos ainda mais exemplos deste tipo. Com este livro, Freud objetivava discutir os esquecimentos de nomes e palavras, os lapsos de leitura e escrita, os equívocos na ação – fenômenos até então negligenciados pela psicologia e pela ciência. Ele defende que todos estes processos anímicos não são arbitrários ou frutos do acaso, antes, são causados pelo determinismo psíquico e possuidores de múltiplos sentidos. Este trabalho contém inúmeras ilustrações para comprovar a tese de Freud, entre eles excertos literários e o conhecimento dos escritores sobre a mente. Em um dado momento, quando está empenhado em demonstrar que um equívoco da fala esconde motivos outros, não sendo um simples “erro”, mas uma manifestação do inconsciente, ele observa que os dramaturgos estão familiarizados com o mecanismo destes lapsos e muitas vezes valem-se deles para dar algo a entender à plateia. Para Freud, os escritores sabem utilizar os atos falhos no sentido psicanalítico, atribuindo-lhes outro sentido, sendo assim, eles conferem uma espécie de apoio para a teoria dos lapsos da fala⁷. Freud anota sua impressão de que “é difícil para o psicanalista descobrir algo novo que antes já não fosse conhecido por algum escritor” (FREUD, 1901, p. 205). Neste mesmo texto ainda declara: “Também no campo dos atos sintomáticos a observação psicanalítica tem de conceder prioridade aos autores literários. Ela só consegue repetir o que eles já disseram há muito tempo” (FREUD, 1901, p. 212).

⁷ Entre os escritores brasileiros, Maurano ressalta que “Machado de Assis, mesmo sem ter lido Freud, em suas obras já explorava certos elementos de linguagem como lapsos, chistes e configurava condensações e deslocamentos, que vieram a ser reconhecidos como mecanismos próprios ao funcionamento do inconsciente” (MAURANO, 2007, p. 31).

Consideramos que agora está claro o motivo dos incontáveis excertos literários e do diálogo com os escritores criativos ao longo da obra de Freud. Os autores literários são para ele interlocutores privilegiados, pois a um só tempo precederam os demais no testemunho e expressão de seus conhecimentos da psique humana e, de certa maneira, legitimam com este conhecimento as teorias de Freud.

Outro veio freudiano de pesquisa, aqui apenas assinalado, é a conexão da literatura, mais especificamente do ato da escrita, com a experiência e invenção psicóticas. Por este aspecto, o da função da escrita, Freud considerou as *Memórias de um doente dos nervos*, do conhecido *Presidente Schreber*, como um texto paradigmático (FREUD, 1912 [1911]) digno de notação, principalmente por nos ensinar aí a importância e função do delírio. E foi porque Freud manifestou sensibilidade e interesse pelas produções psicóticas (literárias ou não), que certamente abriu-se a perspectiva para futuras pesquisas e teorizações psicanalíticas sobre a arte como modo singular de amarração subjetiva (LACAN, 1975-1976).

Através desta apresentação que fizemos da conexão da literatura e da psicanálise freudiana, é possível notar que várias são as portas de entrada para um aprofundamento na instigante investigação da interface desses campos; acreditamos que uma explanação do tipo que realizamos neste artigo é válida no sentido de elucidar algumas questões iniciais referentes ao tema. Ressaltamos por fim, que a relação da literatura e da psicanálise, inaugurada e mantida por Freud no decorrer de seus escritos, tem se sustentado ainda hoje como um campo profícuo de pesquisa, despertando o interesse de inúmeros autores não apenas oriundos da psicanálise, mas também da teoria literária.

Referências:

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. vol. IV-V.

_____. (1901). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. vol. VI.

_____. (1905). *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. vol. VIII.

_____. (1906). *Resposta a um questionário sobre leitura*. vol. IX.

_____. (1907 [1906]). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. vol. IX.

_____. (1908 [1907]). *Escritores criativos e devaneio*. vol. IX.

_____. (1912 [1911]). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. vol. XII.

_____. (1913). *O interesse científico da psicanálise*. vol. XIII.

_____. (1914). *O Moisés de Michelangelo*. vol. XIII.

_____. (1923). *Carta ao Señor Luis Lopes-Ballesteros Y Torres*. vol. XIX.

_____. (1925 [1924]). *Um estudo autobiográfico*. vol. XX.

_____. (1930 [1929]). *O mal-estar na civilização*. vol. XXI.

_____. (1930). *O prêmio Goethe*. vol. XXI.

_____. (1933). *Prefácio a A vida e as obras de Edgar Allan Poe: uma interpretação psicanalítica, de Marie Bonaparte*. vol. XXII.

_____. (1935). *Pós-escrito a Um estudo autobiográfico*. vol. XX.

LACAN, J. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MANNONI, O. *Freud: uma biografia ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

MAURANO, D. O barroco e o enigma: uma dimensão da escrita. In: COSTA, A. & RINALDI, D. (Orgs.). *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2007.

FREUD AND LITERATURE

ATBSTRAC: The objective of this article is to present the dialogue established by Sigmund Freud between literature and psychoanalysis. This can be noticed in his work in three different ways: as a form to illustrate and validate a certain point in his theory, in order to understand something in the creative artistic process, as a mean to psychoanalytically interpret a specific literary work. The interconnection between psychoanalysis and literature as inaugurated and maintained by Freud throughout his work is a prolific research field until nowadays. Here, it is exposed some questions referring to this interconnection and the importance that Freud gave to the literary art.

KEYWORDS: Literatur– Psychoanalysis – Freud.

FREUD ET LA LITTÉRATURE

RÉSUMÉ: Cet article vise à présenter le dialogue que Sigmund Freud a établi avec la littérature dans ses écrits psychanalytiques. L'interlocution de cet auteur avec l'art littéraire peut être notée dans trois situations : pour illustrer et valider un point précis de sa théorie, pour comprendre un tant soit peu de ce processus de création artistique, pour interpréter psychanalytiquement une œuvre spécifique. Le lien de la psychanalyse avec la littérature, initié et maintenu par Freud tout au long de son œuvre, est aujourd'hui encore considéré comme un domaine de recherche fructueux. Il s'agit ici d'exposer certaines questions liées au sujet et expliquer l'importance que cet auteur conférait à l'art littéraire.

MOTS-CLÉS: Littérature - Psychanalyse - Freud.

Recebido em: 20.02.14

Aprovado em: 01.04.14

© 2014 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista